

ENTRE A LINGUAGEM E A ESCRITA: ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO VOLTADO A LINGUÍSTICA E EDUCAÇÃO NOS ANOS INICIAIS

Larissa Arruda da Silva

Faculdade Maurício de Nassau – Caruaru-PE,

larisa_arruda@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Considerando que as crianças dos anos iniciais devem seguir os níveis de ensino sabendo ler e escrever, e que existe uma gramática padrão que deve ser seguida na escola, mas pensando sobre a variação linguística/social, destaca-se a importância da escrita, abordando de forma construtiva seus níveis e as estratégias a se trabalhar a oralidade, garantindo a variedade linguística e a importância do ato de ler.

De certo, o ser humano, de modo geral, desenvolve determinada língua como parte de seu processo comunicativo, tornando-se fluente nela. Então a ideia de determinado falante não saber falar português, no nosso caso, não se sustenta. Isso porque o indivíduo vai adquirindo habilidades linguísticas conforme o processo de interação humana onde se desenvolve. Já a escrita, vai sendo adquirida através de processos escolarizados de ensino/aprendizagem e sendo aperfeiçoando através da leitura. A dominação da língua, requer muito tempo e bastante contato com o idioma, onde se vem aprendendo sempre na escola, com a família e a sociedade.

Neste sentido, o olhar sobre a problemática de forma mais aprofundada a partir de reflexões que busca compreender e analisar propostas de ensino/aprendizagem alicerçadas no que se refere a relação pedagógica, na qual a linguagem e a escrita são trabalhadas junto aos alunos dos anos iniciais se apresenta de forma relevante, bem como o trabalho nos ajuda a entender processos educativos significativos. De certo, o debate interessa aos meios acadêmico e social, sobretudo pela importância de refletir acerca de processos educativos que envolve todos os espaços de relações humanas.

Assim, o trabalho tem como objetivo analisar a proposta de alfabetização e aquisição da linguagem escrita proposta no livro didático, letramento e alfabetização do ano 2013, analisando os temas que abrangem aspectos sociais e culturais que permite ao aluno ir além do aprendizado da língua portuguesa, interagindo também

sobre questões de cidadania, conhecimento de mundo e refletindo sobre ele. Vendo os alunos como seres capazes de interagir com os signos e símbolos construídos socialmente e atribuindo-lhes diferentes significados, assegurando um processo educativo de respeito e construção de base. A obra propõe atividades criativas, dinâmicas que desenvolvem o raciocínio buscando soluções com base nas experiências adquiridas no dia a dia dos alunos. Existem alguns pontos referentes no livro aos quais são considerados para iniciar o trabalho de alfabetização, mostrando o que ler e escrever nos primeiros dias e no processo gradativo, tipos de escrita, estratégias e atividades para trabalhar oralidade, fala sobre a variação linguística e o aspecto de leitura, onde serão apresentados ao decorrer do texto.

É notório que a falta de hábito da leitura, é um dos pontos que mais contribui de forma negativa no processo de aquisição da linguagem. A oralidade no meio escolar engloba todo um contexto social, ao meio em que os educandos são inseridos, devendo ser respeitada. O educador da língua mãe deve determinar seus objetivos referentes ao ato da oralidade, especificando uma prática com finalidade a reflexão, compreendendo porque ensinar, o tipo de conteúdo que deve ensinar, e a variedade linguística que deve interpelar, proporcionando autonomia ao aluno (MILÂNEZ, 2003 apud OLIVEIRA, 2012). Utilizando estratégias para trabalhar a oralidade, realizando atividades de produção oral e de escuta. A oralidade de cada indivíduo, é dependente de acordo com a região, nível social, idade, escolarização entre vários outros fatores que cada um possui, portanto, existe uma forte variação linguística. O professor da língua local, deve compreender o que é suficiente para o seu aluno, respeitando tanto as normas da língua, como o modo que os educandos trazem a fala para dentro da sala de aula.

Bagno (2007) desconstrói diversos mitos sobre a língua, um deles não edifica a ideia que, o certo é falar assim porque escreve assim, relatando que é preciso ensinar conforme a ortografia padrão, porém isso não pode ser feito tentando criar uma língua postíça e dizendo que é errado o modo que as pessoas falam, onde é justo dizer que o aluno pode falar bonito ou bunito, mas só pode escrever bonito, porque existe uma ortografia oficial no nosso idioma, para que as pessoas possam ler e entender o que está escrito. Porém, tudo vai de acordo com a gravidade do “erro”, o professor não deve corrigir o aluno de forma que o deixe constrangido, deve mediar seus alunos para que cheguem sempre mais próximo da língua padronizada. Sendo necessário que o educando entenda a variação linguística como resultado da diversidade que compõe a história da sociedade, superando o preconceito linguístico envolvido na escola, entendendo que ninguém fala errado, apenas de modo diferente. No caso dessa variação tão imensa no nosso país a respeito da oralidade,

ocorro porque no Brasil, existe uma distinção imensa de pessoas de vários lugares do mundo, com isso, a língua sofreu várias alterações, de acordo com a pronúncia e hábitos linguísticos das diversas nações, com tudo isso, o nosso português se torna único, não sendo igual ao português de Portugal, muitos o chamam de português brasileiro.

A prática da escrita em sala de aula, não pode ser apenas um simples treinamento, ou um exercício automático, isso se torna para o educando, uma atividade cansativa e mecânica, ao produzir um texto, o aluno precisa suprir suas ideias para que não lhes falte palavras. É essencial que quando o professor fale de escrita, o aluno compreenda como ideia de comunicação que pode ser utilizada de diversas maneiras. O entendimento desse sistema, deve haver primeiro um nível de reflexão sobre a língua, sendo mais importante, de forma inicial, conduzir o aluno a notar e assimilar esse andamento, em vez de apenas ensinar técnicas e nomenclaturas (FERREIRO, 2004 apud OLIVEIRA 2012). Antes de mais nada, o aluno deve entender porque e para que existe a língua, ao entender, vai mostrando suas terminologias, como se une as letras, e assim vai dando continuidade ao processo. O método de alfabetização, é iniciado a partir de letras, sílabas e os sons correspondentes, lembrando que no início do processo de aquisição da escrita, o texto do aluno apresentará situações informais, relacionado com a grafia e estrutura. Porém com a mediação do professor, o aluno aprenderá de forma gradativa a representar a fala e produzir textos mais apropriados para diversas situações. A nossa língua é um idioma translucido, nem sempre a escrita corresponde a fala, isso ocorre grandes confusões no sistema de oralidade e escritura. A letra “l”, por exemplo, além do seu próprio som, também tem som de “u”. Esse fenômeno, ocorre com várias outras letras e junções do nosso idioma.

O ensino da leitura de forma mecânica, forma leitores que decodificam textos, apresentando dificuldades na compreensão da decifração, não entendendo o que foi lido. A leitura deve promover o encontro do leitor com o texto e o mundo, permitindo um diálogo com o conteúdo, para que o leitor não fixe apenas na ideia do autor, porém consiga ir além. É importante lembrar que cada indivíduo interpreta de forma diferente, dependendo dos seus conhecimentos a respeito do assunto, do objetivo e intenção da leitura. O intuito do professor deve ser o de oportunizar o uso da língua portuguesa em situações de comunicação, incentivando o uso da leitura e escrita sempre, devendo também ser um leitor mostrando aos alunos os encantos e estratégias de leitura, ajudando-os a despertar interesse e ver que o seu mediador vem contribuindo de forma significativa. Com isso, o aluno usará seus conhecimentos sobre o idioma de forma prática e o educador

contribui para o letramento desse educando, preparando-o para várias situações comunicativas do seu espaço presente, de forma diversificada. Através do texto, pode ser trabalhado diversos fatores, como letras, sílabas, palavras, soletração, interpretação, além de cada um contar seu texto a sua maneira. Podendo compartilhar com os colegas de classe, pois para haver mais interesse pela escrita, todo texto deve haver leitores, para que quem escreva, tenha cuidado na hora da redação, esse pode ser um método utilizado em sala de aula. Contribuindo também para a fala como uma atividade de produção de texto discursiva com intuito comunicativo, enquanto a escrita no plano de letramento. Não tendo apenas um estudo de código, segundo Marcuschi (2001 apud OLIVEIRA 2012, p. 6) dos "[...] processos e eventos [...]", em que fala e escrita são atividades de comunicação e como tal devem ser observadas no interior das práticas comunicativas. Tanto a fala quanto a escrita, têm um mesmo propósito, ambas são formas de comunicação, cada uma com suas especificidades, a oralidade é transmitida de diversas maneiras, pelo fato de existir a variação linguística, enquanto a escrita é composta por códigos, tendo regras as quais devem ser seguidas.

A escrita situa-se nas atividades de produção e interpretação, pois não é considerado apenas uma construção de símbolos e sim do que a criança pode produzir através dessas marcas gráficas. A fonetização da escrita se dá início quando as crianças buscam uma relação em o que se escreve e a expressão sonora da fala. O que é enfatizado sobre fracasso é, quando ninguém “pergunta” se a criança está pronta para o início da aprendizagem, pois nenhuma é igual a outra, cada uma no seu tempo para os processos de aprendizagem, são esses os problemas encontrados dentro de uma sala de aula, a diversidade e a individualidade de cada um ali presente.

A fala é a parte particular da linguagem que é formada por um ato individual de caráter infinito. Para Saussure é um “ato individual de vontade e inteligência” (SAUSSURE, 1995, p.22). O linguista, defende que a fala é individual, já a língua é supra individual, ou seja, algo que é meu ou público. A fala está em constante transformação, ela é viva. O estudioso se preocupava em criar uma crença que estudasse a língua. Como se percebe, no processo de comunicação, língua, fala e linguagem se inter-relacionam de maneira intrínseca. Na comunicação, o entendimento da mensagem falada, supõe a língua, ou seja, a necessidade de domínio de um sistema de signos, e se não houver a correspondência adequada entre significante e significado o processo de comunicação torna-se muito difícil, se não impossível. Significante é a grafia, significado é o conceito. Signo linguístico é tudo que representa alguma coisa no mundo, o que é simbolicamente

criado. Sem a grafia, conceito e a representação, não há comunicação.

METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho foi adotado uma pesquisa de caráter qualitativo através de levantamento bibliográfico e documental. Como processo aberto de reflexão e verificação, a pesquisa qualitativa se preocupa com o campo da subjetividade e do aprofundamento da análise. Assim, elegemos o livro didático, letramento e alfabetização do ano 2013 para análise, procurando refletir sobre a proposta de alfabetização e aquisição da linguagem escrita apresentada no livro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A proposta analisada no livro, é compatível com o nível de educação dos anos iniciais, sendo elaborada de forma detalhada cada etapa de progressão que deve haver no processo de alfabetização, compreendendo o processo de aquisição que se apropria o sistema de escrita, alfabético e ortográfico. Dialoga entre os estudantes, através dos conteúdos apresentados, tendo uma linguagem clara e objetiva, e conteúdos contextualizados, apresentando propostas que os alunos possam aprender. Orienta o professor a utilizar exemplos do dia a dia, além de atividades dinâmicas, valorizando a autonomia do educando, comprometendo formar cidadãos capazes de compreender e interagir com o mundo, promovendo diferentes práticas que possam cumprir efetivamente as aplicações linguísticas. Interagindo a proposta com a realidade para que haja uma compreensão e respeito no meio escolar e social.

CONCLUSÕES

O trabalho traz como resultado, mostrar o papel do professor como mediador da interação da língua materna, a compreensão da variação linguística, mostrando que por meio de um contexto histórico existe uma diversificação, a escola segue a língua padrão definida pelos estudiosos, para que no sistema de escrita, exista uma referência, havendo uma melhor comunicação, pois para todo idioma, existem regras. Mostra maneiras de como deve ser apresentada as formas de leitura mediada pelo professor, para que os alunos não sejam apenas decodificadores, mas tenham visão de mundo e interpretação, adquirindo conhecimento. A fala é viva, está sempre em transformação na concepção da linguística, onde se preocupa em estudar a língua no processo de comunicação, analisando métodos de como se trabalhar também a escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GIESEN, M; RODRIGUES, R; CAMPOS, V. Letramento e Alfabetização: Editora do Brasil, 2013. 232 p. (Bem-me-quer).

OLIVEIRA, Ananda Veloso Amorim. Oralidade, letramento e gêneros textuais como estratégias de ensino na EJA. Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. 49ª ed. São Paulo. Loyola, 2007.

A Língua Segundo Saussure – Linguística. Disponível em: <
<http://www.coladaweb.com/literatura/a-lingua-segundo-saussure-linguistica>> Acesso em: 08
out. 2017.